

Capítulo 7

MANEJO FARMACOLÓGICO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA NO DEPARTAMENTO DE EMERGÊNCIA

HAYSLA MIKAELLA DO COUTO ARAÚJO¹
TALIA APARECIDA ALVES DO NASCIMENTO²
LETICIA ESTEFANI OLIVEIRA¹
ROSANGELA LOBO TEIXEIRA ZIZLER³
FRANCISCA MICILENE COSTA⁴
GEDSON DOS SANTOS SILVA⁵
FELIPE SILVA RIBEIRO⁶
GUSTAVO BOHNENBERGER⁷
MATHEUS COELHO SIGNANES⁸
ADELCIO MACHADO DOS SANTOS⁹
WILLIAN LYRA ROCHA¹⁰
DANIELE COELHO DOURADO¹¹
DAYANE JHENNYFER ANDRADE MUNHOZ¹²
PAULA GIOVANNA SILVA¹³

1. Residente – Farmácia de Urgência e Trauma.
2. Discente – Traumato-Ortopedia em FACEMINAS.
3. Médica psiquiatra – Centro de Atenção Psicossocial, Valinhos-SP.
4. Farmacêutica – Centro Universitário do Norte.
5. Discente – Medicina em Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
6. Discente – Medicina em Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos Porto.
7. Residente – Psiquiatria em Hospital Psiquiátrico São Pedro.
8. Residente – Enfermagem de Urgência e Trauma.
9. Docente – Pesquisador e orientador em UNIARP.
10. Farmacêutico – Grupo de Saúde de Curitiba/CINDACTA 2/ Força Aérea Brasileira.
11. Docente – em Universidade do Estado da Bahia.
12. Residente – Farmácia de Saúde da Família.
13. Docente – Fisioterapia em Centro Universitário Aparício Carvalho.

Palavras Chave: Dependência química; Emergência; Manejo farmacológico.

INTRODUÇÃO

A dependência química é considerada um problema de saúde pública a nível mundial que afeta a sociedade como um todo, assim como foi definida pela 10ª edição de Classificação Internacional de Doenças (CID-10), da Organização Mundial da Saúde (OMS).

A dependência pode ser compreendida por um conjunto de fatores comportamentais, cognitivos e fisiológicos que se desenvolvem após o uso repetido de alguma substância (OMS, 2021; FERREIRA *et al.*, 2015).

Compreende-se por drogas toda e quaisquer substâncias, sejam elas, naturais ou sintéticas, que modificam as funções fisiológicas normais do organismo de uma pessoa, estas podem ser classificadas a partir dos efeitos que causam no organismo, podendo ser estimulantes, depressoras ou perturbadoras (EVANGELISTA, 2019).

Em 2021, no Brasil, o Sistema Único de Saúde (SUS) registrou aproximadamente 400.000 atendimentos a pessoas com transtornos mentais devido ao uso de drogas e álcool, correlacionando aos dados apresentados no ano de 2020, 356.000 atendimentos registrados, houve aumento expressivo de 12,4% (OMS, 2022). Desde que o abuso do álcool foi reconhecido como doença mental, a OMS passou a considerar que cerca de 12% da população mundial apresenta problemas associados a dependência (OMS, 2022).

Trata-se de doença crônica e multicausal associada a prejuízos em várias áreas da vida do indivíduo, com objetivo de amenizar esses prejuízos, o tratamento do dependente exige múltiplas intervenções, sendo elas, psicoterapêuticas, sociais e farmacológicas, a partir de uma equipe multiprofissional e interdisciplinar visando à reabilitação e à reinserção social desse indivíduo (ALVES, 2019).

Os serviços de tratamento para problemas ocasionados pelo uso e abuso de drogas, ou seja, tratamento da dependência química, síndrome de abstinência e intoxicações, no Brasil pertencem à rede pública de saúde, regida pelos princípios do SUS que tem como principais componentes o Atenção Básica, Centro de Atenção Psicossocial álcool e outras Drogas (CAPSad), Ambulatórios, SAMU 192, dentre outros (SANTOS, 2017; BRASIL, 2011).

Os serviços de média e alta complexidade, isto inclui, os departamentos de emergência, passaram a integrar a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) através da Portaria nº 3.088 /2011 do Ministério da Saúde, com objetivo de propor assistência integral com profissionais capacitados (BRASIL, 2011).

Estudos socioepidemiológicos sobre a população de dependentes/usuários apontam predominância do sexo masculino em comparação ao sexo feminino, com alto índice de solteiros e de baixa renda e escolaridade (MENDES *et al.*, 2022).

A pesquisa tem por objetivo analisar os principais estudos que avaliam a fisiologia da dependência química e o manejo farmacológico deste quadro no departamento de emergência, analisar as diretrizes e protocolos existentes para o manejo identificando possíveis lacunas e áreas de melhoria.

E assim, contribuir para com a comunidade científica e acadêmica na divulgação de informações sobre saúde pública e coletiva. Estimulando os profissionais de saúde a indagarem a necessidade de implementação de protocolos sobre o manejo dos pacientes dependentes na emergência e demais setores da saúde.

MÉTODO

Trata-se de pesquisa de revisão bibliográfica do tipo integrativa cuja finalidade foi de reunir e resumir estudos em formato de artigos científicos já publicados sobre o tema a ser investigado visando atender os objetivos propostos. Sendo assim, objetivou-se analisar e sintetizar evidências que colaboram e apontam resultados farmacológicos no manejo da dependência química no departamento de emergência.

Para tal, foram realizadas buscas de artigos científicos publicados nas bases de dados científicas Google Scholar, PubMed e Biblioteca Virtual de Saúde, mediante os seguintes descritores, cadastrados nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e seus cruzamentos: “Dependência química; Emergência; Manejo Farmacológico”

Para análise dos artigos foram considerados como critérios de inclusão os artigos publicados na íntegra, nos últimos 10 anos, nas línguas portuguesa ou inglesa, que descrevessem o manejo farmacológico dos quadros de dependência química no departamento de emergência, e artigos que descrevessem ou avaliassem os efeitos sistêmicos da dependência química. Foram excluídos assim, todos os artigos duplicados, os que não atendiam a nenhum dos objetivos, os que não estavam completos e aqueles que não atendiam aos critérios de inclusão, conforme **figura 7.1**.

Para melhor visualização, leitura e compreensão dos dados coletados e analisados, estes foram distribuídos em tabelas separadas por colunas detalhando: autor, ano e revista;

título, objetivos, metodologia, principais resultados e conclusão, conforme **tabela 7.1**.

Figura 7.1 Prospecção de pesquisa bibliográfica e seleção de estudos



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao todo foram encontradas aproximadamente 20.000 referências publicadas com os descritores definidos, cujos títulos e resumos foram minuciosamente lidos em busca de artigos que abordassem o tema apresentado e objetivos propostos.

Destes, grande quantidade não apresentavam as palavras-chaves e não estavam publicados na íntegra, portanto, foram excluídos da pesquisa. Vários títulos que não abordavam a fisiologia da dependência química ou a farmacologia em seu manejo, não foram incluídos nos resultados desta pesquisa e tampouco os duplicados.

Sendo assim, após aplicar os critérios definidos, foram selecionados 09 artigos que contemplassem pelo menos um dos objetivos propostos para a investigação, e em seguida, incluídos no quadro abaixo para otimizar os tópicos de discussão.

Tabela 7.1. Dados científicos coletados para a investigação

Autor	/Ano/ Revista	Título	Objetivos	Metodologia	Principais resultados
1	HAWK; D'ONOFIO, 2018/ Addiction Scienc & Clinical Practice	Triagem do departamento de emergência e intervenções para transtornos por uso de substâncias	Identificar e vincular pacientes ao tratamento de transtornos por uso de substâncias (SUDs).	Revisão para explorar as evidências para triagem baseada em DE, intervenções psicossociais e farmacológicas e ligação ao tratamento para o espectro de SUDs, incluindo uso de álcool de alto risco e álcool, opioides, tabaco e outros SUDs	A literatura em geral apoia o uso de intervenções motivacionais baseadas em entrevistas para o uso de álcool. Para a dependência de opioides não médicos estudos demonstraram que a intervenção breve com buprenorfina iniciada por ED e acompanhamento de cuidados primários também foi associada à diminuição do uso de opioides autorrelatado nos últimos 7 dias no acompanhamento de 30 dias.
2	RICHARDS <i>et al.</i> , 2016/ Clinical toxicology	Treatment of cocaine cardiovascular toxicity: a systematic review	Revisar as evidências atuais para o tratamento farmacológico da toxicidade cardiovascular resultante do abuso de cocaína.	Revisão sistemática em bancos de dados de resumos de revisões de efeitos (DARE), MEDLINE, PsycINFO, OpenGrey, Google Scholar e a Biblioteca Cochrane foram pesquisados desde o início até novembro de 2015. Artigos sobre tratamento farmacológico envolvendo seres humanos e cocaína	Foram encontrados 2.376 artigos com 120 elegíveis envolvendo 2.358 seres humanos. Benzodiazepínicos e outros agentes GABA-ativos: Houve cinco estudos de alta qualidade. Bloqueadores dos canais de cálcio: houve sete estudos de Nível I/II. Vasodilatadores mediados por óxido nítrico: Houve seis estudos de Nível I/II. Drogas bloqueadoras de alfa-adrenoceptores: Houve dois estudos de Nível I e três relatos de caso. Agonistas alfa-2-adrenoceptores: houve dois estudos de alta qualidade e um relato de caso. Beta-bloqueadores e β/α -bloqueadores: Houve nove estudos de nível I/II, sete de nível III e 34 de nível IV/V. Antipsicóticos: Sete estudos de nível I/II, três estudos de nível III e sete séries de casos de nível IV/V. Outros agentes: Houve apenas um estudo de alto nível com morfina, que reverteu a vasoconstrição coronariana induzida pela cocaína, mas aumentou a frequência cardíaca.
3	BEAUCHAMP; VALENTO, 2016/ Emergency medicine practice	Toxic alcohol ingestion: prompt recognition and management in the emergency department [digest]	Descrever a apresentação clínica e uma abordagem para o reconhecimento e tratamento da intoxicação alcoólica tóxica.	Esta é uma revisão clínica de literatura que não envolveu o cuidado de humanos ou animais.	Considerações de tratamento incluem os antídotos fomepizol e etanol e hemodiálise para remoção do composto original e seus metabólitos tóxicos. Intervenções adicionais incluem terapias adjuvantes que podem melhorar a acidose e aumentar a depuração do álcool ou metabólitos tóxicos. Esta edição analisa fontes comuns de exposição ao álcool, mecanismos básicos de toxicidade, exame físico e achados laboratoriais que podem orientar avaliação e tratamento rápidos e indicações para tratamento.

4	THOMAZ <i>et al.</i> , 2014/ UNINGÁ REVIEW	Alcoolismo e deficiência de tiamina associada à síndrome de Wernicke-Korsakoff.	Relacionar o alcoolismo crônico e a deficiência de tiamina com a Síndrome de Wernicke- Korsakoff.	Revisão integrativa da literatura consiste na construção de uma análise ampla da literatura, contribuindo para discussões sobre métodos e resultados de pesquisas, assim como reflexões sobre a realização de futuros estudos.	A lesão hepática pelo uso crônico do álcool reduz o armazenamento de tiamina e a fosforilação de tiamina é prejudicada. Na deficiência de Tiamina (DT), a utilização da glicose pelo tecido nervoso pode estar reduzida em 50 a 60%, sendo substituída pela utilização de corpos cetônicos derivados do metabolismo lipídico, portanto a DT pode provocar degeneração das bainhas de mielina das fibras nervosas tanto nos nervos periféricos quanto no SNC. Pacientes com SK apresentam desordem de memória episódica em comparação com outras disfunções cognitivas. O seu diagnóstico é essencialmente clínico uma vez que não existem exames de rotina específicos que possibilitam a sua despistagem. A ressonância magnética cerebral (RM) pode ser útil para confirmar a suspeita clínica.
5	MENDES <i>et al.</i> , 2022/ Research, Society and Development	Perfil dos dependentes químicos em tratamento em uma comunidade terapêutica no município de Pinheiro-MA.	Avaliar o perfil de dependentes químicos em tratamento em uma Comunidade Terapêutica no município de Pinheiro - MA.	Pesquisa quantitativa, descritiva e transversal para avaliar o perfil dos dependentes de SPAs institucionalizados na Comunidade Terapêutica Fazenda do Amor Misericordioso, no município de Pinheiro –MA, escolhido por ser o único local para o tratamento de DQ na localidade. Os dados foram dispostos em tabelas de frequências absolutas e relativas, com esclarecimento da maneira que as características se distribuem na amostra.	Participaram da pesquisa 26 institucionalizados, todos do sexo masculino, com idade entre 18 e 55 anos, com média de 35,1 anos e a faixa etária de prevalência de 18 a 27 anos. Predominou-se a raça parda (65,4%), dos entrevistados 46,2% da população possui ensino fundamental incompleto. Em relação ao estado civil, 73,1% dos participantes declararam-se solteiros. Destes, 73,1% dos entrevistados referiram-se autônomos, sem vínculo formal. Destes, a maioria (26,9%) referiu a ocupação de pedreiro, 15,4% afirmaram desemprego e 11,5% possuíam vínculo formal. A maioria (26,7%) dos familiares dos entrevistados tem o álcool como droga de preferência, seguido da maconha (24,4%) e crack (22%). Inalantes e tabaco aparecem com preferência de 9,8% deles, respectivamente, e a cocaína com 7,3%. A maioria dos avaliados (46,1%) teve a curiosidade como motivação para o uso da droga. Em seguida, a influência dos amigos (38,5%).
6	BALTAZAR; IGLESIAS; BORLOTI. 2020/ Revista Psicologia e Saúde	Comorbidade entre uso de álcool e outras drogas, transtornos psiquiátricos e comportamento suicida: uma revisão	Descrever a comorbidade a partir de uma revisão de literatura, de modo a apontar aspectos relevantes para sua prevenção	Realizou-se busca avançada no Portal de Periódicos CAPES, a partir da qual 17 artigos foram selecionados e agrupados em cinco temas.	Em suma, compareceu nos estudos revisados o cuidado em assinalar subgrupos de risco para o suicídio entre os usuários de álcool e outras drogas, que se constituem como público-alvo para intervenções preventivas de agravos e de promoção à saúde.
7	BARBOSA; ABDALA, 2021/ Diversità	Tratamento farmacológico eficaz no uso e manuseio do	Analisar a eficácia do tratamento a usuários de crack associados ao uso de antietanol.	Pesquisa bibliográfica exploratória e descritiva, procurou-se abordar o tema identificando o conhecimento de todos	Por meio deste estudo foi possível observar que as utilizações das técnicas de prevenção e de práticas que utilizem fármacos que possam melhorar a convivência de usuários em recuperação são de extrema

	antietanol para usuários de crack		para a melhoria da saúde do dependente químico.	importância para os todos, orientando e melhorando a saúde de todos os envolvidos.
8	ALVES, 2019/ Sistema de Bibliotecas UFS Tratamento Farmacológico da dependência por cocaína: um levantamento bibliográfico sobre ensaios clínicos	Objetivou-se realizar um levantamento bibliográfico sobre os ensaios clínicos publicados nos últimos 20 anos sobre a terapia farmacológica para dependência de cocaína, identificando as classes farmacológicas dos medicamentos já utilizados e o resultado desse tratamento.	Foi realizada uma busca nas bases de dados Scopus, Web of Science e Pubmed, utilizando os termos cocaine, addiction, drug treatment. Foram incluídos apenas estudos clínicos realizados entre 1998 e 2018 que avaliaram um tratamento medicamentoso em usuários de cocaína.	Foram encontrados 34 ensaios clínicos, avaliando 11 classes terapêuticas diferentes, das quais nove tem ação direta sobre o sistema nervoso central. A modafinila foi o medicamento mais analisado. Além disso, houve muita divergência em termos do efeito do tratamento no desejo de consumir a droga, possivelmente por influência de grandes variações na metodologia empregada nos estudos avaliados. Portanto, ainda é necessário realizar novos estudos, utilizando novas doses, outros alvos farmacológicos e métodos mais padronizados para que se obtenha um tratamento eficaz na redução do consumo de cocaína.
9	CACCIA; SCARANO, 2023/ UNESP Toxicologia Forense e os efeitos fisiológicos e sociais do uso do crack	Descrever como são as técnicas de toxicologia forense e como elas se encaixam nos trabalhos de rotina do IC de Botucatu. O segundo objetivo deste trabalho é criar um paralelo entre os efeitos fisiológicos e os efeitos sociais do uso e dependência do crack a partir da forma como esses diferentes efeitos interferem um no outro. Além disso, procura-se apontar indícios que o tratamento da dependência pela abordagem correta pode ser um caminho para atenuar diversos problemas sociais.	O paralelo entre a teoria e a prática se construiu pelo acompanhamento das atividades da Equipe de Perícias Criminalísticas de Botucatu realizadas no Instituto de Criminalística da cidade de Botucatu (interior de São Paulo), durante um estágio obrigatório para o curso de Ciências Biomédicas da UNESP de Botucatu entre o mês de setembro de 2022 e o mês de janeiro de 2023. Esse acompanhamento foi aliado a uma revisão narrativa, além disso, foram descritos os efeitos toxicológicos e sociais do uso do Crack com o objetivo de discutir de que forma o tratamento da dependência fisiológica dessa droga pode atenuar problemas sociais, embasado em uma revisão narrativa de artigos científicos e livros.	Apesar de todas as limitações estruturais e técnicas no IC de Botucatu, foi visto que o trabalho é satisfatório e respeita a legislação pelo fornecimento de laudos conclusivos. A cocaína é geralmente utilizada em sua forma de pó e aspirada, mas também é possível ser injetada, fumada ou consumida por via oral, sendo que cada forma de consumo apresenta diferentes respostas para início e duração dos efeitos, além das diferentes formas de confecção. Trata-se de um agente inibidor da recaptação dos transportadores de catecolaminas, cuja dependência química ocorre pela adaptação do sistema nervoso ao uso prolongado da cocaína, pois o neurônio pré-sináptico naturalmente fornecerá menor quantidade de dopamina na fenda sináptica como resposta a falta de recaptação, fazendo que apenas com a presença da cocaína esse sistema volte ao número normal de neurotransmissores no metabolismo.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Segundo CARBONARIO (2018), o fenômeno da dependência química tem relação direta com o funcionamento do sistema de recompensa mesolímbocortical, contando com a participação de receptores químicos de transmissão sináptica e a simulação de resposta biológica ao consumo da droga.

É importante destacar que do ponto de vista dos mecanismos fisiológicos envolvidos, ou seja, do estágio neural da dependência e do consumo de drogas tende a variar de acordo com o uso inicial, o uso abusivo, a abstinência e a recaída (BARBACENA, 2018).

Mecanismos Fisiológicos (Álcool x cocaína x crack)

O álcool pode apresentar diversos sintomas, incluindo dor abdominal, de cabeça, náuseas, vômitos e distúrbios visuais caracterizados como visão turva ou embaçada (BEAUCHAMP; VALENTO, 2016). O uso agudo do álcool pode provocar rubor, menor sensação de ansiedade e até redução na coordenação motora, já em doses moderadas causa intensa redução dos reflexos e prejuízos no controle emocional, seguido de náuseas (COSTARDI *et al.*, 2015).

Em contrapartida, a intoxicação severa por etanol pode envolver sintomas como, confusão mental, hipoglicemia, perda de consciência, depressão respiratória e até levar o indivíduo a óbito (BEAUCHAMP; VALENTO, 2016). É importante destacar que seu uso crônico, pode desencadear prejuízos em diversos sistemas do organismo, incluindo o hematológico, gastrintestinal, hepáticos e até danos significativos ao sistema nervoso (COSTARDI *et al.*, 2015).

De modo geral, o mecanismo de ação do álcool ainda não é completamente elucidado, portanto, sabe-se que sua atuação intensifica a neurotransmissão inibitória gabaérgica, conferindo os efeitos sedativos e relaxantes. Sabe-se também que esta substância reduz a atividade

excitatória do glutamato pela inibição dos receptores NMDA, conforme ilustrado na figura 3. (COSTARDI *et al.*, 2015).

O álcool exerce efeito também sobre os receptores opioides nos circuitos de recompensa, essa ação pode ser devido ao aumento da liberação de opioides endógenos, como a encefalina via receptores μ , levando a considerar esta substância responsável pelos efeitos euforizantes e de recompensa obtidos durante o uso do álcool (COSTARDI *et al.*, 2016; BEAUCHAMP; VALENTO, 2016).

A cocaína é um inibidor de recaptação dos transportadores de catecolaminas encontradas nos sistemas dopaminérgico, noradrenérgico e serotoninérgico, considerada uma droga estimulante do sistema nervoso central (DE MELO *et al.*, 2017).

Sendo assim, esta substância atua no sistema de recompensa do cérebro, é dizer, a partir da inibição da recaptação da dopamina no neurônio pré-sináptico, eleva-se sua oferta na fenda sináptica ofertadas para o neurônio pós-sináptico, conforme ilustrado na figura 2. Essa alta oferta no sistema de recompensa acaba por causar os efeitos de prazer, euforia e excitação (DE MELO *et al.*, 2017)

A dependência a essa substância ocorre a partir da adaptação do sistema nervoso ao uso prolongado da cocaína, pois devido a neuromodulação, o neurônio pré-sináptico naturalmente tende a fornecer menor quantidade de dopamina na fenda como resposta a ausência de recaptação, exigindo assim que somente com a presença de cocaína esse sistema volte ao funcionamento normal do metabolismo dos neurotransmissores (RICHARDS *et al.*, 2016).

A cocaína é uma substância alcaloide encontrada nas folhas da planta *Erythroxylon coca*. É conhecida como cloridrato de cocaína e comercializada ilegalmente pela forma em pó (DE MELO *et al.*, 2017). A produção desse

entorpecente é dividida em duas fases, podendo ser a prensa das folhas com algum solvente como o ácido sulfúrico ou querosene para extrair o alcaloide e formar uma pasta de coca, e posteriormente, essa pasta-base é tratada com ácido clorídrico, formando o pó branco, e se cozida em água com bicarbonato de sódio, pode ser gerado o crack (CASTRO *et al.*, 2015; CACCIA; SCARANO, 2023).

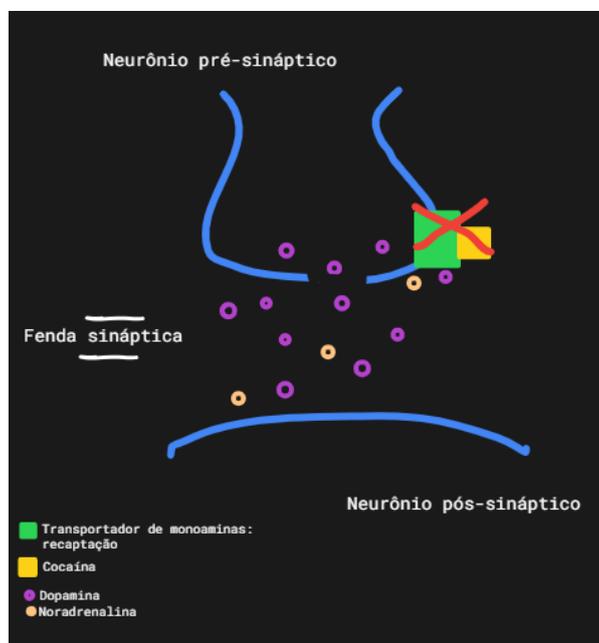
Por se tratar de entorpecente derivado da cocaína, podemos classificar de forma geral os efeitos do crack de curto prazo, como sensação de extrema felicidade e energia, maior estado de alerta, paranoia e irritabilidade podendo estar associados a quadro de repetindo comportamento violento (CASTRO *et al.*, 2015).

Por se tratar de diferente forma de administração, o crack por ser inalado apresenta efeitos

mais acentuados com menor duração, aumentando as chances de desenvolver mecanismos de tolerância e dependência pela necessidade de inalação de maiores quantidades em menor espaço de tempo (CASTRO *et al.*, 2015).

A cocaína possui diversos metabólitos, dentre eles, a benzoilecgonina e a metiléster de ecgonina que agem bloqueando os transportadores de norepinefrina e epinefrina, logo aumentam as concentrações destes neurotransmissores na fenda sináptica e consequentemente a estimulação excessiva dos receptores alfa-1, alfa-2, beta-1, beta-2 e beta-3 (CASTRO *et al.*, 2015; RICHARDS *et al.*, 2016). Essa hiperativação tem relação direta com os efeitos no sistema cardiovascular e autônomo do indivíduo com dependência química por cocaína (RICHARDS *et al.*, 2016).

Figura 7.2. Mecanismo de ação do momento em que a cocaína inibe a recaptação dos neurotransmissores no SNC



Legenda: Durante a inibição da recaptação destes, eleva-se sua concentração na fenda gerando assim os efeitos de prazer, euforia e excitação **Fonte:** Elaborado pelos autores, 2023

Por se tratar de diferente forma de administração, o crack por ser inalado apresenta efeitos mais acentuados com menor duração, au-

mentando as chances de desenvolver mecanismos de tolerância e dependência pela neces-

sidade de inalação de maiores quantidades em menor espaço de tempo (CASTRO *et al.*, 2015).

Tratamento Farmacológico

De acordo com o estudo de (DALAGO, 2018), as classes terapêuticas comuns no tratamento da dependência química variam conforme o mecanismo de ação da substância dependente. As classes dos benzodiazepínicos e antipsicóticos apresentam maior frequência para o tratamento da dependência do álcool, anfetaminas e cocaína, cujos sintomas podem se desencadear de forma a estimular o SNC, causando intensa euforia e até quadros de alucinação.

No entanto, cabe destacar a importância da individualidade de tratamento, já que os indivíduos podem apresentar respostas diferentes e os mecanismos fisiopatológicos possuem singularidade em seus mecanismos. Portanto, estudos atuais abordam a necessidade de incluir a prescrição de Tiamina (Vitamina B1), Dissulfiram e Anticonvulsivante para tratamento da dependência alcoólica na emergência (THOMAZ *et al.*, 2014).

No caso do tratamento para dependentes de anfetaminas e cocaína a prescrição deve ultrapassar as barreiras dos benzodiazepínicos e antipsicóticos para introduzir também a classe dos antidepressivos, tendo em vista a alta probabilidade de desenvolverem quadros de depressão induzida por droga (MUTSCHLER *et al.*, 2016).

O quadro de dependência química é dividido em diferentes etapas e o manejo deste varia conforme a causa de entrada, o paciente pode apresentar a fase de abstinência que por vezes não é necessário grandes intervenções farmacológicas, a fase de sintomas leves a moderados, onde o tratamento pode ser ambulatorial e requer o tratamento dos sintomas mais imediatos afim de prevenir complicações, ou seja,

a reposição de líquidos, eletrólitos e nutrientes (REIS *et al.*, 2014).

Mecanismos Farmacológicos

Para compreender a aplicação das opções farmacoterapêuticas para o tratamento dos quadros de dependência é necessário entender os mecanismos fisiológicos da droga dependente e identificar a fase dos sintomas apresentados.

Por exemplo, a ação do Dissulfiram, primeiro fármaco aprovado para tratar a Síndrome da Abstinência Alcoólica (SAA), tem por objetivo bloquear de forma irreversível e inespecífica a enzima acetaldeído-desidrogenase, inativando assim a conversão do acetaldeído em ácido acético, gerando acúmulo de acetaldeído no organismo (MUTSCHLER *et al.*, 2016; BEACHUMP; VALENTO, 2016).

Alguns manuais de tratamento abordam o uso de Dissulfiram apenas na síndrome de abstinência alcoólica e não como tratamento eficaz para o tratamento (MUTSCHLER *et al.*, 2016).

Sobrepõem-se a este efeito do Dissulfiram, o aumento da concentração de dopamina na fenda sináptica, conferindo efeito antidepressivo, mediante a inibição da beta-descarboxilase, enzima responsável pela conversão de dopamina em norepinefrina, sendo, portanto, utilizado também no tratamento da dependência por cocaína conforme apontam alguns estudos mais recentes (MUTSCHLER *et al.*, 2016; BARBOSA; ABDALA, 2021).

Para os sintomas psicóticos, a classe dos antagonistas dopaminérgicos D2 são os mais prescritos, dentre estes, estão inclusos a Clorpromazina e Haloperidol, ambos antipsicóticos típicos para alívio de curto prazo nos quadros de paranoias e alucinações ocasionados pelas anfetaminas, entretanto, não há evidências de eficácia desta opção farmacológica no

tratamento da dependência (DALAGO, 2018; ALVES, 2019).

Portanto seu uso terapêutico deve ser aplicado em casos de sintomatologia psicótica, agitação e hiperatividade em usuários e também nos quadros de delírios e alucinações na abstinência alcoólica (INDAVE *et al.*, 2016).

No estudo de revisão de INDAVE *et al.* (2016), demonstrou a ausência de evidências clínicas que suportassem o uso de antipsicóticos atípicos como, Olanzapina, Quetiapina, Aripiprazol e Risperidona, na dependência de cocaína.

Os benzodiazepínicos com sua ação ansiolítica e hipnótica possui efeitos notáveis também como anticonvulsivante e miorrelaxante, e são responsáveis pela potencialização da ação Gabaérgica no sistema límbico, pois atuam nos receptores GABA_A aumentando o influxo de cloreto causando hiperpolarização dos neurônios (RAMANUJAM *et al.*, 2015).

São considerados os mais utilizados na Síndrome de Abstinência Alcoólica, principalmente na primeira escolha para prevenção de delírios e convulsões, atualmente, existem diversos tipos de benzodiazepínicos que são classificados de acordo com seu tempo de ação (RAMANUJAM *et al.*, 2015; BEACHUMP; VALENTO, 2016).

Síndrome de Wernicke-Korsakoff

A síndrome de Wernicke, é considerada uma das consequências mais graves do alcoolismo crônico, é uma encefalopatia caracterizada pela tríade de sintomas envolvendo confusão mental, nistagmo e ataxia geralmente associada à psicose de Korsakoff (THOMAZ *et al.*, 2014).

A Tiamina, também conhecida por vitamina B1, tem sido introduzida no tratamento da dependência alcoólica como meio de prevenção à encefalopatia, já que essa vitamina é consi-

derada um importante cofator das enzimas piruvato desidrogenase, sendo importante para o metabolismo final de muitos carboidratos (DALAGO, 2018).

A diminuição desta vitamina, pode reduzir a utilização da glicose pelo tecido nervoso em até 60%, sendo assim substituída pelos corpos cetônicos derivados do metabolismo lipídico, levando os neurônios a apresentar instrumentação devido à má nutrição (THOMAZ *et al.*, 2014). Logo, a deficiência de Tiamina pode causar degenerações da bainha de mielina das fibras nervosas tanto nos nervos periféricos quanto no SNC

Sachdeva, Choudhary & Chandra (2015), relataram que a deficiência de tiamina pode ser considerada uma das complicações mais graves na dependência alcoólica. A SWK pode ser resultado tanto do transtorno dependente quanto da neurotoxicidade induzido pelo abuso da substância (THOMAZ *et al.*, 2014).

O Diagnóstico da SWK é desafiador, sendo preferencialmente clínico, no entanto, exames imagenológicos, como a RNM pode contribuir para com a confirmação clínica, porém é importante destacar que as lesões apresentadas não são patognomônicas da SWK (THOMAZ *et al.* 2014).

Portanto, a reposição de tiamina se torna essencial no tratamento dos dependentes químicos ao dar entrada no departamento de emergência, já que é considerado importante meio de prevenção desta síndrome conhecida como Wernicke-Korsakoff.

Desafios do tratamento da dependência química

Os casos de dependência química no departamento de emergência costumam envolver sintomas ocasionados pelo abuso da substância dependente, sendo assim, o manejo farma-

cológico visa buscar a remissão desses sintomas apresentados.

Desintoxicação é apenas uma parte do tratamento de curta duração, é imprescindível garantir a continuidade do tratamento logo após dar início ao tratamento. São diversos os fatores que podem interferir no tratamento da dependência química, podendo contribuir de forma significativa levando ao sucesso terapêutico e outros que podem causar prejuízos ao tratamento.

O papel da família na adesão do dependente ao tratamento é imprescindível para o sucesso terapêutico, conforme diversos autores expõem a ausência de apoio familiar, muitas vezes, o que contribui para a baixa adesão/manutenção do tratamento por parte do dependente químico (FERREIRA *et al.*, 2015).

Quando relacionado ao tipo de substância dependente, estudos demonstram maior adesão ao tratamento por parte dos dependentes alcoólicos do que os usuários de múltiplas drogas, principalmente os usuários de crack (FERREIRA *et al.*, 2015).

Portanto, para efetivo tratamento, o dependente químico inicialmente precisa ter consciência a nível cognitivo e condição comportamental quanto à necessidade de tratamento e quando abordado pela equipe multiprofissional deve ser desmistificado a ideia ilusória de que somente os medicamentos promovem a reabilitação pois essa ideologia pode contribuir para dificultar a adesão ao tratamento (DUMKE, 2021).

A ausência dos medicamentos essenciais na rede pública pode restringir a opção terapêutica para os prescritores, colocando a saúde do paciente em risco. Muitas vezes, o fornecimento gratuito é a única opção de garantir o acesso aos medicamentos garantindo qualidade e efetivi-

dade ao tratamento por parte dos dependentes (THOMAZ *et al.*, 2014).

A associação entre uso abusivo de substâncias químicas e os transtornos psiquiátricos, incluindo o comportamento suicida tem se tornando motivo de preocupação no Brasil e no mundo, levando a indagação da necessidade de implementação de propostas de intervenção para garantir a promoção da saúde, incluindo a participação da população em geral afim de garantir qualidade de vida e segurança para os indivíduos (BALTAZAR; IGLESIAS; BORLOTI, 2020).

CONCLUSÃO

É necessário considerar que as diretrizes e protocolos clínicos para esse público estão susceptíveis a alterações dinâmicas e frequentes, conforme vão surgindo novas evidências para o tratamento dos transtornos de dependência química, pelo uso, abuso e dependência de drogas.

É relevante que toda e cada instituição de atendimento a estes usuários disponha de protocolos de tratamento com base na padronização dos medicamentos disponíveis para otimizar o atendimento e garantir assistência para com o indivíduo.

E não menos importante, lembrar a importância e necessidade de uma rede estruturada com elos entre os diferentes níveis de atenção de saúde garantindo o acesso integral ao indivíduo, como parte imprescindível do tratamento para a recuperação do dependente.

Uma vez que a recuperação deste não se dá somente no ambiente de emergência hospitalar, mas se torna contínuo envolvendo o acompanhamento da equipe multiprofissional visando a integralidade da assistência prestada, buscando atender as diversas áreas afetadas, como: social, familiar, física e emocional, qualidade de vida e estratégias de prevenção de recaída.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Filipe Albert Félix. Tratamento Farmacológico da dependência por cocaína: um levantamento bibliográfico sobre ensaios clínicos. 49f. Sistemas de Bibliotecas UFS, Brasília, 2018.

BALTAR, Juliana Gomes Da Cunha; IGLESIAS, Alexandra; BORLOTI, Elizeu Batista. Comorbidade entre uso de álcool e outras drogas, transtornos psiquiátricos e comportamento suicida: uma revisão. *Revista Psicologia e Saúde*, 2020. <http://dx.doi.org/10.20435/pssa.v0i0.676>

BARBOSA, Edilson; ABDALA, Paulo Vechi. Tratamento farmacológico eficaz no uso e manuseio do antietanol para usuários de crack. *DIVERSITÀ: Revista Multidisciplinar do Centro Universitário Cidade Verde*, v. 7, n. 1, 2021.

BEAUCHAMP, Gillian A.; VALENTO, Matthew; KIM, Jeremy. Toxic alcohol ingestion: prompt recognition and management in the emergency department [digest]. *Emergency medicine practice*, v. 18, n. 9 Suppl Points & Pearls, p. S1-S2, 2016.

BRASIL. Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011(*) Institui a RAPS para pessoas com sofrimento ou transtorno mental decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas no âmbito do Sistema Único de Saúde. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Diário Oficial da União. 2011

CACCIA, Caíque Manenti; SCARANO, Wellerson Rodrigo. Toxicologia forense e os efeitos fisiológicos e sociais do uso do crack. Repositório institucional UNESP, Instituto de Ciências Botucatu, 2023.

CARBONARIO, F. A. Neurociência do abuso de drogas na adolescência. *Mental, Barbacena*, v. 12, n. 22, p. 114-117, jun. 2018.

CASTRO, Raquel Augusta de *et al.* Crack: farmacocinética, farmacodinâmica, efeitos clínicos e tóxicos. *Rev Med Minas Gerais*, v. 25, n. 2, p. 253-259, 2015. <http://dx.doi.org/10.5935/2238-3182.20150045>

COSTARDI, João Victor Vezali *et al.* A review on alcohol: from the central action mechanism to chemical dependency. *Revista da associação médica brasileira*, v. 61, p. 381-387, 2015. <https://doi.org/10.1590/1806-9282.61.04.381>

DALAGO, I. Tratamento farmacológico da dependência química: a disponibilidade dos medicamentos na RENAME e na REMUME/Florianópolis. (Mestrado em Farmacologia). Repositório Institucional UFSC. Florianópolis. 2018.

DE MELO, Bruna Araújo *et al.* O uso e abuso da cocaína: efeitos neurofisiológicos. *Caderno de Graduação-Ciências Biológicas e da Saúde-UNIT-ALAGOAS*, v. 4, n. 2, p. 359-359, 2017.

DE SOUZA, Jaqueline Fátima; SOARES, Marcos Hirata; TIZZIANI, Jéssica Andrade. Perfil sociodemográfico e clínico de usuários de substâncias psicoativas atendidos em hospital filantrópico acreditado. *SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em Português)*, v. 17, n. 3, p. 7-17, 2021. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2021.163560>

DUMKE, Milene de Resende. Manejo da emergência psiquiátrica pelas equipes dos centros de atenção psicossocial (CAPS). (Monografia). Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Passo Fundo, RS. 2021.

EVANGELISTA, Karolayne Silva. Principais Drogas Prescritas No Tratamento Farmacológico De Pacientes Dependentes De Drogas Licitas E Ilícitas. (Monografia). Faculdade União de Goyazes. Trindade/GO, 2019.

FERREIRA, A. C. Z. *et al.* Fatores que interferem na adesão ao tratamento de dependência química: percepção de profissionais de saúde. *REME: Revista Mineira de Enfermagem*, v. 19, n. 2, p. 150-156, 2015. <http://dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20150032>

HAWK, Kathryn; D'ONOFRIO, Gail. Emergency department screening and interventions for substance use disorders. *Addiction science & clinical practice*, v. 13, n. 1, p. 1-6, 2018. <http://dx.doi.org/10.1186/s13722-018-0117-1>

INDAVE, B. I., *et al.* (2016) Antipsychotic medications for cocaine dependence. *Cochrane Database of systematic Reviews*. Lisboa, v. 19, n.3, p. 1-94. <https://doi.org/10.1002/14651858.CD006306.pub3>

MENDES, Lorena De Sousa *et al.* Perfil dos dependentes químicos em tratamento em uma comunidade terapêutica no município de Pinheiro-MA. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 13, p. e83111327823-e83111327823, 2022. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i13.27823>

MUTSCHLER, J., GROSSHANS, M., SOYKA, M., & ROSNER, S. Current findings and mechanisms of action of disulfiram in the treatment of alcohol dependence. *Pharmacopsychiatry*, 49(04), 137-141. 2016. <https://doi.org/10.1055/s-0042-103592>

OMS. Atendimento a pessoas com transtornos mentais por uso de álcool e drogas aumenta 12,4% no SUS. Secretaria de Atenção Primária à Saúde (SAPS). 2022. Disponível em <<https://aps.saude.gov.br/noticia/15936#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20depend%C3%Aancia%20qu%C3%ADmica,uso%20repetido%20de%20determinada%20subst%C3%Aancia.>> Acesso em: 11 de julho de 2023.

OMS. Organização Mundial da Saúde. Código internacional de doenças - CID-10. Trad. Centro Colaborador da OMS para a classificação de doenças em português. 8. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, EDUSP. 2000.

RAMANUJAM, R., PADMA, L., SWAMINATH, G., & THIMMAIAH, R. S. (2015). A comparative study of the clinical efficacy and safety of Lorazepam and chlordiazepoxide in alcohol dependence syndrome. *Journal of clinical and diagnostic research: JCDR*, 9(3), FC10. <https://doi.org/10.7860/JCDR/2015/11887.5678>

RICHARDS, John R. *et al.* Treatment of cocaine cardiovascular toxicity: a systematic review. *Clinical toxicology*, v. 54, n. 5, p. 345-364, 2016. <https://doi.org/10.3109/15563650.2016.1142090>

REIS, Gecivaldo Alves *et al.* Alcoolismo e seu tratamento. *Revista Científica do ITPAC*, v. 7, n. 2, p. 1-11, 2014.

SACHDEVA, A., CHOUDHARY, M., & CHANDRA, M. (2015). Alcohol withdrawal syndrome: benzodiazepines and beyond. *Journal of clinical and diagnostic research: JCDR*, 9(9), v.01-07. <https://doi.org/10.7860/JCDR/2015/13407.6538>

SANTOS, Jussara Secundo dos. Intervenções farmacêuticas na adesão ao tratamento farmacológico em usuários do centro de atenção psicossocial para álcool e outras drogas. (Monografia). Universidade Federal de Sergipe, Lagarto, 2017.

THOMAZ K. D. C. V., *et al.* Alcoolismo e deficiência de tiamina associada à síndrome de Wernicke-Korsakoff. 20(3). P(94-100). *Uningá Review* 2178:2571, Belo Horizonte. 2014.